



Ano V, v.1 2025. | **submissão: 03/10/2025** | **aceito: 05/10/2025** | **publicação: 07/10/2025**

Educação Emocional na Primeira Infância: Estratégias para o Desenvolvimento da Empatia

Emotional Education in Early Childhood: Strategies for the Development of Empathy

Andréia de Araújo Januário Barleta

E-mail: andreiaajanuario@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0916503991710887>

CPF:006.160.891-20

Pedagogia-Unemat

Esp. em Psicopedagogia-UNISSERRA

Simone Paula de Arruda Floreano

E-mail simonepaulafloreano@gmail.com

CPF: 826.155.001-04

Pedagogia-UFMT

Esp. em Educação Inclusiva-FQM

Doraci Creuza da Silva

CPF: 013.915.631-31

E-mail: dorinhacreuza@gmail.com

Pedagogia - Unopar.

Esp. em Alfabetização e Letramento e a Psicologia Institucional.

Faculdade Cidade Verde

Resumo

Este artigo analisa a importância da educação emocional na primeira infância como estratégia essencial para o desenvolvimento da empatia. A pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica, evidencia que emoção, cognição e afetividade são dimensões interdependentes que sustentam a aprendizagem significativa, a socialização e a construção de vínculos afetivos. Os resultados mostram que a empatia é uma habilidade aprendível, fortalecida por práticas pedagógicas como a contação de histórias, que favorecem a imaginação, a expressão emocional e o amadurecimento social. Conclui-se que investir na educação emocional desde os primeiros anos contribui para formar crianças mais conscientes de si, abertas à cooperação e preparadas para lidar com as diferenças, tornando-se um eixo estruturante da educação infantil.

Palavras-chave: Educação emocional; primeira infância; Empatia; Afetividade; Habilidades socioemocionais.

Abstract

This article analyzes the importance of emotional education in early childhood as an essential strategy for the development of empathy. Based on a literature review, the study highlights that emotion, cognition, and affectivity are interdependent dimensions that sustain meaningful learning, socialization, and the construction of affective bonds. The results show that empathy is a learnable skill, strengthened by pedagogical practices such as storytelling, which foster imagination, emotional expression, and social maturity. It is concluded that investing in emotional education from early childhood contributes to forming children who are more self-aware, open to cooperation, and prepared to deal with differences, consolidating it as a structuring axis of early childhood education.

Keywords: Emotional education; Early childhood; Empathy; Affectivity; Socio-emotional skills.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como propósito conjecturar sobre a importância da educação emocional na primeira infância, compreendendo-a como etapa fundamental para a formação integral da criança, pois é nesse período que se estruturam as bases afetivas, cognitivas e sociais que influenciarão todo o desenvolvimento futuro.

A educação infantil, representa um período caracterizado por intensas descobertas, como a aquisição da linguagem, o desenvolvimento cognitivo e a ampliação dos vínculos sociais. Nesse contexto, o fortalecimento das competências socioemocionais torna-se necessário para que o processo de ensino-aprendizagem se torne mais humanizado.

O equilíbrio entre aspectos cognitivos e emocionais se estabelece como um dos pilares determinantes para o êxito pedagógico, pois aprender compreende a capacidade de integrar razão e sentimento em um mesmo processo formativo, garantindo assim, a assimilação de conteúdos e o desenvolvimento de competências socioemocionais indispensáveis à vida em sociedade.

A emoção favorece a concentração, a motivação e a memória; a empatia possibilita compreender e respeitar as diferenças; e a afetividade sustenta a confiança mútua entre professor e aluno, criando condições para uma aprendizagem efetiva, ao mesmo tempo em que fortalece o desenvolvimento de valores humanos essenciais, como solidariedade, cooperação e respeito às diversidades.

Deste modo, o objetivo geral deste artigo é analisar o papel da educação emocional na primeira infância como estratégia para o desenvolvimento da empatia. Como objetivos específicos, busca-se: Discutir a relação entre cognição, emoção e afetividade no processo de aprendizagem; identificar as práticas pedagógicas que favorecem o desenvolvimento da empatia; e refletir sobre a educação infantil como espaço de construção de vínculos afetivos e sociais.

Para uma melhor compreensão dessa temática, a metodologia adotada nesse estudo está fundamentada em uma revisão bibliográfica, procurando analisar as contribuições teóricas de autores que abordam a relação entre educação emocional e o desenvolvimento da empatia.

A escolha por esse caminho deve-se ao fato de que a revisão de literatura permite reunir diferentes perspectivas entre pesquisadores. As referências consultadas foram selecionadas a partir de buscas em bases de dados acadêmicas nacionais e internacionais, bem como em livros e artigos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Emocional na Primeira Infância

O ambiente em que a criança convive influencia seu cérebro e suas emoções, ajudando a moldar pensamentos, sentimentos e comportamentos. Isso acontece porque o cérebro funciona por meio de impulsos eletroquímicos que dão ascendência a processos mentais, como atenção, memória, linguagem, prazer e dor.

Conforme Silva et al., (2024), esses impulsos são mediados pelas sinapses, conexões entre neurônios

que liberam neurotransmissores, e é por meio dessas correspondências que as informações circundam, permitindo tanto o aprendizado quanto a vivência das experiências emocionais.

Por isso, para Duque (2024), o desenvolvimento das competências emocionais é fundamental para que as crianças aproveitem ao máximo suas atividades cotidianas, tendo em vista que a afetividade e a cognição operam de maneira interdependente, permitindo que o aprendizado se torne mais significativo e que as experiências vividas se consolidem para o crescimento integral.

Nesse sentido, Daniel e Michel Chabot (2005) destacam a importância do fator emocional no aprendizado e no êxito escolar, ressaltando que as competências emocionais podem esclarecer o sucesso em diferentes campos da vida, uma vez que influenciam diretamente a forma como a criança lida com desafios, estabelece relações interpessoais e desenvolve autonomia para enfrentar situações complexas.

Do mesmo modo, Luck e Carneiro (1983) reforçam que tudo o que se aprende, se esquece ou se deixa de aprender é influenciado por emoções, de modo que cada reação afetiva assume um desempenho individual no processo educativo.

A afetividade, deste modo, envolve sentimentos internos que se expressam como emoções externas, impactando a forma como a criança interage com o ambiente (Silva; Sérgio; Bicudo, 2023). Além disso, valores, interesses e atitudes são intercedidos pelo afeto, influenciando a percepção do mundo e a tomada de decisões.

A ciência contemporânea já não admite a separação rígida entre emoção e cognição, pois ambos os sistemas funcionam de forma integrada, possibilitando um aprendizado significativo e o desenvolvimento integral (Duque, 2024). Dessa forma, cabe ao professor estar atento às necessidades emocionais dos alunos, criando um ambiente motivador, no qual emoções positivas favoreçam a aquisição do conhecimento e fortaleçam os vínculos pedagógicos.

Segundo Cury (2001), treinar a emoção significa desenvolver funções importantes da inteligência, como gerenciar pensamentos, proteger-se do estresse, pensar antes de agir, se colocar no lugar dos outros, perseguir objetivos e valorizar a vida. Duque et al., (2023) complementa afirmando que o afeto move nossas mentes e sentimentos, sendo decisivo para o sucesso escolar e pessoal. Pecotche (1996) destaca que a adesão entre sistemas mental e sensível suscita energia emocional que sustenta ações, palavras e intenções, fortalecendo o aprendizado e o desenvolvimento da criança.

O papel do professor na educação emocional é, portanto, estratégico, pois cabe a ele criar um ambiente seguro em que a criança se sinta respeitada, promovendo equilíbrio cognitivo, social e emocional, que são aspectos essenciais para o desenvolvimento integral (Silva et al., 2025).

Chabot e Chabot (2005) e Silva et al., (2024) destacam que muitas dificuldades de aprendizagem são emocionais, porque crianças podem ser brilhantes em discussões, mas apresentar baixo desempenho escolar devido a lacunas emocionais, o que demonstra a necessidade de atenção às competências emocionais, que influenciam a concentração, a atenção, a memória e o prazer em aprender, bem como a capacidade de lidar com desafios e frustrações.

Dessa forma, a afetividade revela-se central para a socialização, a interação com o mundo e a construção de vínculos, pois é por meio dela que a criança desenvolve saúde mental, inteligência emocional e

habilidades sociais imperativos ao sucesso acadêmico e pessoal (Silva et al., 2024). Wallon (1994) reforça essa perspectiva ao destacar que o impulso emocional conecta a criança ao seu meio, despertando a curiosidade, estimulando a exploração e favorecendo o desenvolvimento integral.

Nesse sentido, a educação emocional na primeira infância torna-se essencial, já que investir no fortalecimento dos aspectos afetivos e cognitivos prepara indivíduos conscientes de suas emoções, capazes de construir aprendizagens e de estabelecer bases sólidas para toda a vida.

2.2 Desenvolvendo Habilidades Sociais na Primeira Infância

Para compreender o desenvolvimento das habilidades sociais na primeira infância, é importante diferenciar a competência social e desempenho social. A competência social refere-se ao conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades que permitem ao indivíduo interagir de forma adequada em díspares contextos, enquanto o desempenho social compreende a aplicação prática dessas competências em situações autênticas de convivência (Silva et al., 2025).

O estudo das habilidades sociais tem linhagens históricas importantes. Em 1949, Salter, inspirado pelas pesquisas de Pavlov sobre os reflexos condicionados, desenvolveu técnicas voltadas ao aprimoramento da comunicação verbal e das expressões faciais, estabelecendo uma abordagem inovadora para compreender a interação humana (Cantão, 2025).

Wolpe (1958) expandiu esse campo de investigação ao considerar comportamentos relacionados à expressão de sentimentos negativos e à defesa de direitos pessoais, introduzindo o conceito de assertividade como dimensão essencial das habilidades sociais, uma vez que a capacidade de se expressar contribui para a resolução de conflitos, fortalece relações interpessoais e promove o desenvolvimento de indivíduos emocionalmente competentes desde a infância.

Segundo Falcone et al., (2008), a qualidade das relações sociais está ligada à saúde mental e ao desenvolvimento global do indivíduo. O desenvolvimento social começa desde o nascimento, com o repertório de habilidades sociais se tornando mais complexo ao longo da infância. Duque (2024) explica que na adolescência e vida adulta, novas demandas surgem, como trabalho em grupo, liderança, habilidades interpessoais e a interação com diferentes grupos culturais.

Falcone et al. (2008) destacam que interações empáticas, quando aliadas à assertividade, são fundamentais para o sucesso das relações sociais. A empatia, entendida como a capacidade de compreender sentimentos e perspectivas do outro e de expressar cuidado genuíno pelo seu bem-estar, constitui uma habilidade essencial para a comunicação eficaz desde a primeira infância. Cantão (2025) explica que nesse período, a criança aprende a reconhecer e a regular emoções, construindo vínculos que sustentam sua socialização e o seu desenvolvimento integral.

Além disso, os autores ressaltam que empatia e assertividade não se opõem, mas se complementam em diferentes contextos sociais, quando a empatia se mostra mais apropriada para favorecer o diálogo e a cooperação, enquanto em outras a assertividade é indispensável para garantir direitos e estabelecer limites. Em ambos os casos, tais habilidades contribuem para a resolução de conflitos interpessoais, fortalecendo a

qualidade das relações que a criança estabelece ao longo da vida.

Na primeira infância, a prática da empatia, incorporada à assertividade, permite que a criança construa relações equilibradas, aprendendo a compreender o outro, compartilhar sentimentos e lidar com conflitos de maneira respeitosa (Silva; Sérgio; Bicudo, 2023). O desenvolvimento dessas habilidades sociais desde cedo contribui para a formação de indivíduos emocionalmente preparados para os desafios da vida em sociedade.

2.3 Empatia na Primeira Infância

A palavra empatia tem origem na Grécia antiga, derivando do termo *empathia*, que significava paixão ou intenso envolvimento afetivo. Baldwin (1913) descreve o conceito histórico de empatia artística como através do *Einführung*, propriedades subjetivas como nobreza, elegância e poder podiam ser sentidas como se pertencessem às suas obras de arte, tal como se estas fossem seres com vida.

Na década de 1960, o conceito de empatia passou a ser entendido como compreensão empática, ou seja, a capacidade de perceber e responder aos sentimentos e reações de outra pessoa (Silva et al., 2024; Duque, 2024). Fontgalland e Moreira (2012) afirmam que o conceito de compreensão empática consiste em que o terapeuta seja sensível aos sentimentos e às reações pessoais que o cliente experiencia em cada momento.

Falcone et al., (2008) define a empatia como uma habilidade aprendível ao longo da vida, presente em comportamentos sociais e morais, sendo típica, embora não exclusiva, da espécie humana. Duque et al., (2023) descrevem empatia como a capacidade de reconhecer sentimentos e identificar-se com a perspectiva do outro, manifestando reações que expressem essa compreensão e esse sentimento.

Silva; Sérgio; Bicudo (2023), esclarecem que a empatia não estabelece experimentar os mesmos sentimentos do outro, mas sim compreender de forma precisa o que o outro sente. Falcone et al., (2008), com base em Hoffman (1997), divide a empatia em três componentes essenciais:

- **Cognitivo:** trata-se da capacidade de compreender sentimentos e perspectivas de outras pessoas;
- **Afetivo:** refere-se ao sentimento de compaixão, simpatia e preocupação pelo bem-estar do outro;
- **Comportamental:** trata-se da expressão dessa compreensão, através de ações ou comunicação que demonstrem empatia.

A empatia também se manifesta em duas etapas: a compreensão empática e a verbalização empática. Segundo Falcone et al., (2008), é a capacidade de compreender de forma acurada, bem como compartilhar ou considerar sentimentos, necessidades e perspectivas de alguém, expressando esse entendimento de tal maneira que a outra pessoa se sinta compreendida e validada.

No contexto das relações humanas, a empatia desempenha papel crucial. Falcone et al., (2008) afirma que indivíduos empáticos tendem a vivenciar relações mais satisfatórias, tanto na vida conjugal quanto em amizades, promovendo vínculos de confiança, aceitação e respeito mútuo.

Na primeira infância, a empatia se manifesta desde as primeiras fases do desenvolvimento humano, com reações pré-empáticas, como o contágio emocional frente ao sofrimento do outro, que evoluem para

formas mais complexas de compreensão e expressão empática. No entanto, sentir angústia pelo outro não é suficiente; a expressão comportamental da empatia, verbal ou não verbal, é fundamental para que a criança perceba que o outro a compreende (Duque et al., 2023).

Pesquisadores como Silva; Sérgio e Bicudo (2023), evidenciam que os aspectos cognitivos e afetivos da empatia são essenciais nas interações cotidianas. Desenvolver empatia na primeira infância significa ensinar a criança a reconhecer sentimentos, compreender perspectivas alheias e agir de forma solidária, estabelecendo a base para relações sociais ao longo da vida.

2.4 Contação de Histórias como Estratégia de Educação Emocional na Infância

Para que a contação de histórias contribua para a educação emocional das crianças, é essencial que o contador escolha com cuidado a narrativa que deseja transmitir, considerando a emoção que pretende projetar. Como ressalta Bussato (2003), antes de sensibilizar o ouvinte, o conto preocupa-se em sensibilizar o contador, assim o narrador precisa se identificar com a história, alinhando-a aos interesses e à faixa etária do público infantil.

Cantão (2025) complementa que, antes de contar uma história, é fundamental identificar se ela é envolvente, original, bem estruturada e apropriada para estimular a imaginação das crianças. Para Silva et al., (2024), a narrativa funciona como mantimento para o desenvolvimento emocional, devendo reverenciar o estágio de maturação cognitiva e afetiva dos ouvintes.

A literatura infantil tem potencial para despertar o imaginário, uma vez que apresenta situações carregadas de emoções e conflitos que desafiam a criança a refletir e a interpretar sem depender de regras rígidas de tempo ou espaço (Silva et al., 2025). Os contos abordam diversas temáticas – medo, afeto, rejeição, aventuras, descobertas e magia – cada uma trazendo uma lição ou reflexão para o desenvolvimento emocional infantil.

Por exemplo, em *Chapeuzinho Vermelho*, dos irmãos Grimm, a desobediência da protagonista ilustra às crianças a importância de ouvir figuras de referência e compreender as consequências de suas escolhas (Cantão, 2025). Já *O Patinho Feio*, de Christian Andersen (2022), aborda rejeição e aceitação, mostrando que cada indivíduo possui valor e potencial singulares.

O uso de álbuns de imagens é uma estratégia eficaz para promover o contato precoce com a literatura, permitindo que a criança interprete uma linguagem visual antes mesmo de aprender a ler. Segundo Duque et al., (2023), desde os primeiros anos da sua vida, a criança, imersa nos livros, é convidada a interpretar uma primeira linguagem – visual – que, apesar de estabelecer aprendizagens, não requer alfabetização.

Outro aspecto relevante é o elemento do maravilhoso presente na literatura infantil. Cantão (2025) destaca que, pela psicanálise, os contos maravilhosos refletem questões universais da vida humana, sendo instrumentos importantes para o amadurecimento emocional da criança. A imaginação, nesse contexto, desempenha um papel fundamental, porque colabora para a formação da personalidade e para a capacidade de designar e deliberar conflitos.

Vygotsky (2007) reforça que os processos criativos se desenvolvem na infância, tornando a imaginação uma habilidade fundamental para o crescimento intelectual e emocional. Nesse período, o ambiente escolar assume um papel estratégico, pois é onde a criança vivencia parte de suas experiências sociais. Observa comportamentos, valores e intenções dos outros, internalizando essas vivências e aprendendo a lidar com suas emoções.

Portanto, a contação de histórias, aliada a estratégias de educação emocional, desperta a imaginação e forma indivíduos capazes de compreender e gerenciar suas emoções desde os primeiros anos de vida, ao mesmo tempo em que promove reflexão, empatia e habilidades sociais, contribuindo para a construção de um desenvolvimento integral e equilibrado, fundamentado na integração entre cognição, afetividade e criatividade.

3 RESULTADOS

A análise da literatura consultada evidencia que a educação emocional na primeira infância é reconhecida como um elemento fundamental para o desenvolvimento da empatia e para a formação integral da criança. Os autores analisados oferecem contribuições que se complementam, ainda que em diferentes enfoques, permitindo compreender como cognição, emoção e afetividade se entrelaçam no processo de aprendizagem e na construção de vínculos sociais.

De forma geral, nota-se a convergência entre os pesquisadores ao apontarem que as emoções são determinantes no desenvolvimento infantil, influenciando tanto a aprendizagem quanto as relações sociais. Essa constatação é relevante ao considerar o objetivo do presente estudo, que buscou analisar como a educação emocional pode se constituir em estratégia para o desenvolvimento da empatia.

Nesse sentido, o Quadro 1 sintetiza as principais contribuições dos autores, permitindo uma visão comparativa de suas abordagens:

Quadro 1 – Síntese dos autores e suas contribuições

Autor(es)	Contribuições principais	Relação com Educação Emocional e Empatia
Chabot & Chabot (2005)	Dificuldades de aprendizagem têm origem emocional; competências emocionais influenciam memória, atenção e prazer em aprender.	Reforçam a necessidade de trabalhar emoções para potencializar o aprendizado.
Lück & Carneiro (1983)	Emoções influenciam o que se aprende, esquece ou não se aprende.	Evidenciam que emoção é parte constitutiva do processo educativo.
Silva; Sérgio & Bicudo (2023)	Afetividade molda interações sociais; empatia e assertividade fortalecem vínculos.	Apontam a empatia como prática cotidiana na infância.
Cury (2001)	Treinar a emoção desenvolve autocontrole, resiliência e capacidade de se colocar no lugar do outro.	Educação emocional como prática de vida.

Autor(es)	Contribuições principais	Relação com Educação Emocional e Empatia
Duque et al. (2023)	Afeto move mente e sentimentos; empatia é reconhecer e identificar-se com o outro.	Destacam a empatia como competência social essencial.
Pecotche (1996)	União entre mente e emoção gera energia para ações e intenções.	Educação emocional como integração mental e afetiva.
Wallon (1994)	Emoção conecta criança ao meio, estimula curiosidade e exploração.	Emoção como motor do desenvolvimento integral.
Salter (1949); Wolpe (1958)	Expressão de sentimentos e assertividade como habilidades sociais.	Contribuem para a compreensão da empatia nas interações.
Falcone et al. (2008)	Empatia é aprendível; envolve dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais.	Estrutura teórica sólida para compreender a empatia.
Baldwin (1913)	Conceito histórico de empatia (Einfühlung).	Base filosófica para estudos posteriores.
Fontgalland & Moreira (2012)	Empatia como sensibilidade aos sentimentos e reações do outro.	Enfatizam a dimensão relacional da empatia.
Bussato (2003)	Narrador precisa se identificar com a história para sensibilizar o ouvinte.	Estratégia pedagógica de estímulo emocional e empático.
Cantão (2025)	Contos de fadas como reflexos de questões universais, favorecendo amadurecimento emocional.	Literatura infantil como via para a educação emocional.
Vygotsky (2007)	Imaginação como habilidade fundamental na infância.	Criação e imaginação como recursos para o desenvolvimento da empatia.
Silva et al. (2025)	Importância da ludicidade no desenvolvimento infantil.	Atividades lúdicas como promotoras de vínculos afetivos e emocionais.

Fontes: Dados da pesquisa, 2025.

4 DISCUSSÃO

A partir do quadro 1, observa-se que há forte convergência entre os autores ao reconhecer a centralidade das emoções na primeira infância. Chabot & Chabot (2005) e Lück & Carneiro (1983) destacam que a aprendizagem está ligada às emoções, o que se alinha à visão de Wallon (1994), que compreende o impulso emocional como força motora do desenvolvimento integral.

Outros pesquisadores, como Cury (2001), Duque et al. (2023) e Pecotche (1996), ampliam essa perspectiva ao enfatizar que a educação emocional é uma estratégia para desenvolver habilidades de vida, como autocontrole, resiliência e empatia, mostrando que emoção e cognição caminham de forma integrada.

No campo das habilidades sociais, Salter (1949) e Wolpe (1958) introduziram a importância da assertividade, que se conecta às contribuições de Falcone et al. (2008). Esses últimos estruturam a empatia como competência multidimensional, cognitiva, afetiva e comportamental, tornando claro que não se trata de uma característica inata, mas sim aprendível e cultivada. Fontgalland & Moreira (2012) e Duque et al. (2023) complementam essa visão, ressaltando a sensibilidade e o reconhecimento dos sentimentos do outro como parte essencial da empatia.

Já no campo das estratégias pedagógicas, autores como Bussato (2003), Cantão (2025), Silva et al. (2025) e Vygotsky (2007) convergem ao destacar a importância da literatura, da contação de histórias e da ludicidade para o desenvolvimento emocional das crianças. Essas práticas despertam a imaginação, estimulam a sensibilidade e criam espaços de identificação que favorecem o exercício da empatia.

No que se refere às divergências, observa-se que Baldwin (1913) apresenta um conceito de empatia mais filosófico e estético (*Einfühlung*), distinto da visão contemporânea de Falcone et al. (2008) e Silva; Sérgio & Bicudo (2023), que a tratam como uma competência prática e cotidiana.

Além disso, enquanto alguns autores (Chabot & Chabot, 2005; Lück & Carneiro, 1983) oferecem destaque à influência da emoção sobre o desempenho escolar, outros (Duque et al., 2023; Falcone et al., 2008) priorizam a empatia como uma habilidade social e relacional.

De modo geral, os resultados evidenciam que a educação emocional é um caminho estratégico para o desenvolvimento da empatia na primeira infância, seja pela valorização do afeto no processo de aprendizagem, pela construção de relações sociais ou pelo emprego de práticas pedagógicas que estimulem imaginação, expressão emocional e vínculo afetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender que a educação emocional na primeira infância constitui um alicerce indispensável para a formação integral da criança, atuando diretamente no desenvolvimento da empatia e na qualidade das relações sociais. A revisão da literatura mostrou que emoção, cognição e afetividade não podem ser vistas como dimensões isoladas, mas sim como processos interdependentes que sustentam a aprendizagem, a socialização e a construção de vínculos afetivos.

Os autores analisados convergem ao destacar que a emoção influencia a atenção, a memória, a motivação e o prazer em aprender, ao mesmo tempo em que sustenta a capacidade de compreender e respeitar o outro. Nesse sentido, a empatia se revela como habilidade aprendível, que deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida, seja por meio do afeto no ambiente escolar, seja pela prática de estratégias pedagógicas que favoreçam a expressão emocional e a convivência social equilibrada.

As contribuições de Chabot & Chabot, Wallon e Lück & Carneiro reforçam que a emoção é motor do desenvolvimento integral e da aprendizagem significativa. Já autores ampliam essa compreensão, ao tratar a empatia como competência cognitiva, afetiva e comportamental, essencial para a convivência humana. Estratégias como a contação de histórias, mostraram-se recursos eficazes para despertar imaginação, lidar com conflitos e promover amadurecimento emocional.

Conclui-se, portanto, que investir em educação emocional na primeira infância significa formar crianças mais conscientes de si, mais abertas à cooperação e mais preparadas para lidar com as diferenças. Desta forma, cabe à escola e aos educadores assumir papel ativo nesse processo, criando ambientes de acolhimento e respeito, nos quais emoção e cognição caminhem juntas.

Por fim, este estudo aponta para a necessidade de ampliar pesquisas e práticas que consolidem a educação emocional como eixo estruturante da educação infantil, de modo que a empatia deixe de ser uma



competência desejada e passe a ser uma realidade no cotidiano escolar e social.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN HC. **O patinho feio**. Melhoramentos; 2022 26 de outubro.

BALDWIN, J. M. **History of Psychology: A Sketch and an Interpretation**. Recuperado em 17 de dezembro de 2007 de Classics in the history of Psychology. 1913. Disponível em: <http://psychclassics.yorku.ca/>. Acessado em: set. 2025.

BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CANTÃO, Kátia. **Contos de fadas: Modos de ser e de usar: educação, arte, psicanálise**. Panda Educação, 2025.

CHABOT, D.; CHABOT, M. **Pedagogia emocional: Sentir para Aprender**. São Paulo: Sá, 2005.

CUNHA, Luiz Antonio. **Educação, estado e democracia no Brasil**. São Paulo, Cortez/Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense/ Brasília-DF, LASCO do Brasil, 2010.

CURY, C. R. J. O Conselho Nacional de Educação e a Gestão Democrática. In: CZERNISZ, Eliane Cleide da Silva. **“Gestão Democrática” da Escola Pública: Um Movimento de “Abertura” da Escola à Participação da Comunidade?** Dissertação de Mestrado. Maringá: UEM, 2001.

DUQUE C, SOARES LG, ISCHKANIAN SH, DE LIMA AG, SANTOS BO, VELOSO JA, DOS SANTOS CA. **Inclusão em perspectiva: alfabetização, currículo e acesso à educação**. Educação Transversal. 2023 Feb 17.

DUQUE R.D. **Inteligência artificial e inclusão: redefinindo o ensino na nova era digital**. Amplamente; 2024, 15 de novembro.

FALCONE, E. M. O. et al. Inventário De Empatia (IE): Desenvolvimento e Validação de uma Medida Brasileira. **Revista Avaliação Psicológica**, 7, 2008.

LÜCK, H.; CARNEIRO, D. G. **Desenvolvimento Afetivo na Escola**. Petrópolis: Vozes, 1983.

PECOTCHE, C. **Introdução ao conhecimento Logosófico**. São Paulo: Logosófica, 1996.

SILVA GB, DA SILVA JJ, PONTES JT, DE FREITAS JH, FREIRE RL. Além das Cores e Formas: A Arte como Catalisadora da Educação Emocional. **RCMOS-Revista Científica Multidisciplinar O Saber**. 2024, 24 de setembro;1(1).

SILVA LD, SERGIO MZ, BICUDO MS. A influência do educador para o desenvolvimento infantil sócio/afetivo no ambiente escolar. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. 31 de maio de 2023;9(5):2603-15.

SILVA, Doraci Creuza da; FREITAS, Lidiane Melo dos Santos; BARLETA, Andréia de Araújo Januário; FLOREANO, Simone Paula de Arruda; NAZARIO, Lucia Helena Moura. A importância da ludicidade na educação infantil: contribuições para o ensino e aprendizagem: The importance of playfulness in early



childhood education: contributions to teaching and learning. **RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber, Brasil**, v. 1, n. 1, 2025. DOI: [10.51473/rcmos.v1i1.2025.917](https://doi.org/10.51473/rcmos.v1i1.2025.917). Disponível em: <https://submissoesrevistarcmos.com.br/rcmos/article/view/917>. Acesso em: set. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.